

Um Estudo das Variantes Lexicais para Denominar o Diabo na Fala do Interior Paranaense

Rosangela Maria de Almeida **NETZEL***

Vandercci de Andrade **AGUILERA****

* Mestre (2016) em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), *Campus* Londrina. Doutoranda em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Docente pela Prefeitura Municipal de Londrina. Contato: roalmeidaprofe@gmail.com.

** Mestre (1987) e Doutora (1990) em Linguística pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), *Campus* de Assis. Pós-Doutorado (2008) na Universidade Alcalá de Henares, Espanha. Docente Sênior da Universidade Estadual de Londrina. Contato: vandercci@uel.br.

Resumo:

Este artigo é uma análise dialetológica e sociolinguística das escolhas lexicais que os falantes de dezesseis cidades do interior do estado do Paraná realizam para completar a sentença: *Deus está no céu e no inferno está...?* Os dados que embasaram tal investigação foram coletados e transcritos por pesquisadores do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), uma iniciativa contemporânea para o estudo variacionista pautado na importância de valorizar os regionalismos e de compreender as motivações que os geram. Para tanto, cumpriram-se as seguintes análises: (i) bibliográfica, sobre as referências a esse ser em algumas religiões ocidentais; (ii) geolinguística, sobre a distribuição espacial das variantes no interior do Paraná; e (iii) sociolinguística, para verificar se fatores extralinguísticos – como sexo, idade, escolaridade e religião – podem interferir na escolha do falante sobre o uso desta ou daquela denominação. Os dados demonstraram que os falantes aqui pesquisados conhecem quase duas dezenas de nomes para o *diabo*, sendo cinco são os mais frequentes: *diabo*, *capeta*, *demônio*, *satanás* e *lúcifer*, e que a maioria deles está dicionarizada com esta acepção em Aulete (1964) e Ferreira (2004). Quanto às variáveis extralinguísticas, verificou-se que os homens e os informantes da faixa etária II (de 50 a 65 anos) são os responsáveis pelo maior número de variantes, e também pelas ocorrências únicas. As variáveis sexo e religião que os informantes professam não parecem influenciar na presença ou frequência das variantes.

Palavras-chave:

Léxico. *Diabo*. Interior paranaense.

Signum: Estudos da Linguagem, Londrina, v. 22, n. 2, p. 30-54, ago. 2019

Recebido em: 17/12/2018

Aceito em: 21/05/2019

Um Estudo das Variantes Lexicais para Denominar o *Diabo* na Fala do Interior Paranaense

Rosângela Maria de Almeida Netzel; Vanderci de Andrade Aguilera

INTRODUÇÃO

A teoria da variação linguística concebe a linguagem humana como dinâmica, de natureza heterogênea e diversificada. Nesse contexto, o Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) valoriza as variedades locais e regionais e busca compreender as motivações que as geram, de modo a incluir em suas pesquisas a organização e a divulgação de um atlas geral do país no que diz respeito à língua portuguesa.

Com base nessa concepção de linguagem, os dados das pesquisas em campo que possibilitaram este trabalho procedem de diversas regiões e referem-se às denominações da figura do *diabo*. Para este artigo, foram selecionados os nomes coletados no interior paranaense, junto a informantes estratificados segundo a faixa etária e o sexo, com levantamento empreendido e transcrito pelos pesquisadores do Projeto ALiB. Por conseguinte, este artigo materializa-se como uma tentativa de abordagem sociolinguística das constatações.

A relevância do tema deve-se à natureza heterogênea da língua falada, influenciada pela cultura. Desse modo, a problemática estabelecida consiste em como os falantes de dezesseis cidades interioranas paranaenses denominam a referida entidade da cultura popular e religiosa e quais questões influenciam tais escolhas lexicais.

Para tanto, realizou-se uma análise de dados a partir da organização de ocorrências e da relação com as variáveis localidade de origem dos informantes, sexo, faixa etária, escolaridade e religião.

A pergunta que gerou os dados foi a questão de número 147 do Questionário Semântico-Lexical (QSL) apresentada para que os informantes a completassem: *Deus está no céu e no inferno está ...?* Como ainda não há carta linguística sobre esta fatia das pesquisas, os dados foram cedidos diretamente pela equipe de trabalho da professora Vanderci de Andrade Aguilera, docente no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina (PPGEL – UEL).

Na escrita do artigo, tratando-se de dados já transcritos, atentou-se para a fidelidade às formas de escrita das variantes, reunindo-se, para a análise, cada uma delas sob a ortografia atual. Interessa, portanto, a este estudo o conjunto de variantes lexicais do ALiB, sem, no entanto, empreender análises de cunho fonético-fonológico.

Como o levantamento a respeito do termo *diabo* atendeu a uma amplitude de cidades, neste artigo decidiu-se por um recorte nos dados, considerando as cidades do interior do Paraná. Já a opção metodológica e a opção por gráficos e quadros detalhados ocorreram para que os leitores, entre leigos e especialistas, possam cruzar dados e gerar complementações em suas leituras.

Quanto à escolha do item lexical a ser analisado, pode-se justificar o interesse, em primeiro lugar, pela disponibilidade de dados do ALiB ainda não analisados, bem como pela presença de palavras relacionadas na literatura folclórica brasileira, no imaginário popular e nos dogmas religiosos. Também é interessante ressaltar que as expressões que remetem ao *diabo* e suas variantes, por vezes fazem de histórias alvo de críticas, havendo os que evitam a leitura ou a pronúncia relacionada, o que torna instigante investigar quais fatores sociais extralinguísticos influenciariam tais escolhas ou omissões.

Reitera-se, ainda, que as variáveis localidade, sexo, faixa etária, escolaridade e aspectos socioculturais, como a religião declarada pelo informante, foram consideradas, neste artigo, como os principais fatores que influenciam a variação linguística e, além disso, por serem dados registrados na ficha de cada informante.

A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA COMO ELEMENTO CONSTITUINTE DA LÍNGUA FALADA

De acordo com Hora (2004), os estudos sobre linguagem já existiam no período clássico da Grécia Antiga e em Roma, de modo a persistirem na Idade Média e pelo século XVIII, e a serem intensificados e aperfeiçoados no século XX. Nesse percurso, os séculos XVII e XVIII foram marcados pelo racionalismo das gramáticas gerais, em que a linguagem era estudada como mera representação do pensamento, e o alvo era atingir a língua ideal. Já a primeira metade do século XIX caracterizou-se pela Linguística Histórica, com as gramáticas comparadas, em que se buscava a reconstrução da língua-mãe. A partir desse período, as eventuais mudanças sofridas pela língua serviram de base para inúmeras teorias ligadas à linguagem, dos estudos neogramáticos aos variacionistas.

Neste aspecto, somente no século XX, mais especificamente em 1916, com o Estruturalismo de Saussure – que concebe a língua como um sistema de signos organizados de natureza individual (fala ou *parole*) e social (língua ou *langue*) em um todo –, é que se pensou na elaboração de um sistema conceitual das línguas. Isso ocorreu a partir dos anos 50, quando surgiu o Gerativismo, com Chomsky, considerando a língua como conjunto de sentenças, com atenção maior ao seu caráter sintático, e distinguindo *competência*, relacionada à forma ideal da língua, e *desempenho*, relativo à fala.

A perspectiva variacionista, denominada Teoria da Variação, ou Sociolinguística Quantitativa, por operar com números e tratamento estatístico dos dados coletados, surgiu posteriormente, na década de 1960, com o objetivo de descrever a língua, seus determinantes sociais e linguísticos, rechaçando a relação entre língua e homogeneidade, por levar em conta seu desempenho variável (HORA, 2004).

A partir do olhar teórico mais atento, foi possível que o caos aparente do universo da língua falada, de natureza heterogênea e diversificada, passasse a ser objeto de estudo de pesquisas científicas. Assim, com os estudos variacionistas, constatou-se que há forte relação entre língua e sociedade, fato defendido com maior veemência por Labov a partir de 1963, que enfatiza a possibilidade, virtual e real, de sistematizar a variação existente e própria da língua falada (TARALLO, 2005). Dessa forma, as variantes linguísticas se evidenciam como formas em variação, caracterizadas por duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. Ao conjunto de variantes dá-se o nome de variável linguística.

Na contemporaneidade, o aporte teórico-metodológico variacionista foi incorporado aos estudos dialetais e, conseqüentemente, à produção dos atlas linguísticos, como reforço à importância de valorizar os regionalismos e de compreender as motivações que os geram. Nesse contexto, o Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), segundo Cardoso (2010), é uma iniciativa de caráter nacional, em desenvolvimento, englobando dezessete instituições universitárias do país, com a meta coletiva de proceder a estudos mais amplos que levem ao conhecimento sistemático e geral da realidade linguística, desejo que permeia a atividade dialetal no Brasil. Desse modo, a Universidade Federal da Bahia (UFBA) assumiu atitude pioneira ao empreender a concretização dessa proposta. Como primórdios do projeto encontram-se iniciativas datadas de 1952 e, no trajeto de produção, as dificuldades levaram os dialetólogos à realização do trabalho de mapeamento linguístico pela organização de atlas regionais, e somente em 1996 a discussão sobre o projeto nacional foi retomada.

O Projeto ALiB, de acordo com Cardoso e Mota (2012, p. 855), constituiu-se nacionalmente como “primeira tentativa de descrição do português brasileiro com base em dados coletados, *in loco*, [...] a partir da investigação em uma rede de pontos que se estende do Oiapoque (ponto 001) ao Chuí (ponto 250)”.

Portanto, o Projeto ALiB se desenvolve no campo da Dialectologia, com base metodológica na Geolinguística e na Sociolinguística, em uma tendência dos estudos da linguagem que, iniciada na Europa, se expande e se diversifica. Assim, responde a um desejo expresso por filólogos e linguistas brasileiros que assinalam a importância dos atlas linguísticos e, assim, reafirmam a pluralidade da linguagem. Desse modo, atenta-se também às implicações de natureza social, visando a examinar dados na interface com outros ramos do conhecimento como história, sociologia, antropologia, entre outros, de modo a contribuir na fundamentação e definição de posições teóricas sobre a natureza da língua portuguesa no Brasil. Além disso, objetiva a contribuição para o entendimento dessa língua como instrumento social diversificado de comunicação, com variadas normas de uso, mas dotado de uma unidade sistêmica (CARDOSO, 2010, p. 170).

Como ocorre neste artigo, muitos pesquisadores têm se servido dos dados coletados pelo ALiB, os quais têm provido materiais interessantes para artigos e outras

produções científicas também no campo da Sociolinguística, que permite explorar o caráter múltiplo da língua em suas variações. Os dados, aqui analisados a partir das sistematizações realizadas por pesquisadores filiados ao ALiB, foram extraídos da fala de 64 informantes, naturais de 16 cidades do interior do Paraná. Esses informantes foram selecionados segundo o perfil definido na metodologia do projeto, que considera idade (faixa etária I – 18 a 30 anos – e faixa etária II – 50 a 65 anos); sexo (masculino e feminino); naturalidade (pessoas nascidas, crescidas nas localidades selecionadas e descendentes também de pais das mesmas regiões ou comunidades linguísticas); escolaridade até o 9º ano do Ensino Fundamental.

A opção por analisar a variação léxica é justificada por sua presença cotidiana nas interações, que desperta muito atenção, e por serem escassos os estudos nessa perspectiva se comparados com estudos em outros níveis, de modo a serem influenciados por fatores extralinguísticos. Nesse contexto, reitera-se que as variáveis sexo, faixa etária, escolaridade, localidade e aspectos socioculturais são aqui privilegiadas, pois estão entre os fatores sociais que mais influenciam a variação linguística, ao lado do fator étnico, que não foi evidenciado nos dados do ALiB (MORENO FERNÁNDEZ, 1998).

Possíveis Motivações Culturais na Denominação do *Diabo*

De acordo com Isquierdo (2016), ao tratar da variação léxica em torno dos nomes de alguns pássaros,

o léxico de uma língua consubstancia os saberes produzidos em uma sociedade no decorrer da sua história, sejam os de natureza técnico-científica, sejam os construídos pela força da cultura, de tradições e crenças que povoam o imaginário popular de uma sociedade (p. 173).

Por isso, a denominação dos pássaros encontra-se na “interrelação entre léxico e cultura que, não raras vezes, remete à dicotomia entre tradições pagãs e princípios de diferentes religiões, em especial a cristã” (p. 173). Também ao versar sobre a denominação do *diabo* de origem bíblica, que se desdobra em muitos contos e lendas por todo o Brasil e pelo mundo, infere-se a relação entre léxico e cultura.

Santos (2006), ao afirmar que “os lugares são vistos como intermédio entre o mundo e o indivíduo” (p. 212), orienta a perspectiva deste trabalho que elege a distribuição diatópica como a primeira a ser aqui analisada, de modo a ser pertinente descrever algumas caracterizações atribuídas ao estado em que os dados foram coletados.

O Paraná é um dos três estados da Região Sul do Brasil, cuja ocupação histórica ocorreu a partir de três ondas povoadoras diversas e com motivações distintas: a primeira, a do Paraná Tradicional, ocorrida no século XVII, com a busca pelo ouro, sedimentada no século XVIII, quando predominou o latifúndio campeiro dos Campos Gerais, alicerçado

na criação e no comércio do gado; a segunda, no século XIX, identificada pelas atividades extrativistas e pelo comércio exportador da erva-mate e da madeira; finalmente, a do Paraná Moderno do Norte, já no século XX, a partir da agricultura tropical do café que, a princípio, ficou mais ligada a São Paulo, e a do Paraná Moderno do Sudoeste e Oeste, dos criadores de suínos e plantadores de cereais, mais diretamente ligada, no início, ao Rio Grande do Sul (AGUILERA, 1996).

Quanto ao fator diasssexual, que considera as diferenças entre falares masculinos e femininos, Paiva (2004), afirma que as diferenças mais evidentes entre a fala de homens e mulheres se situam justamente no plano lexical, sendo cultural a consideração de que determinadas palavras são mais adequadas aos homens do que quando pronunciadas por mulheres, devido ao processo de socialização e aos papéis que cada comunidade atribui aos sujeitos, o que é menos acentuado nas sociedades ocidentais, mas ainda presente. Desse modo, enfatiza que as transformações na organização social podem estar subjacentes à neutralização do efeito da variável sexo nas faixas mais jovens da população.

A variação diageracional é outro tópico a ser explorado, até mesmo como complementação à variável diasssexual, pois aponta-se que a aproximação do comportamento linguístico de falantes mais jovens pode ser um reflexo de que, nesta faixa etária, reconfigura-se a atuação do homem e da mulher na sociedade, com diluição das fronteiras entre papéis femininos e masculinos, de modo a derrubar os estereótipos (PAIVA, 2004).

Aspectos socioculturais também são abordados na análise, como a variável escolaridade, pois se considera que a escola gera mudanças na fala e na escrita das pessoas que a frequentam e das comunidades discursivas. Inclui-se aí o fator religioso, um dos focos de interesse deste artigo, devido à natureza do tema. Diante disso, é pertinente ressaltar algumas características das religiões mais comuns no Brasil.

Tem ocorrido, no Brasil, uma pluralização crescente de igrejas cristãs, vindas de fora ou fundadas aqui mesmo, o que tem reforçado o caráter do país como cada vez mais um *país cristão*, pois o recuo do catolicismo não significa nem implica o recuo do cristianismo. Assim, muitos que hoje abandonam o catolicismo aderem a outro ramo do cristianismo, o que não altera grandemente a visão de mundo, pois são apenas recristianizados. Nesse contexto, a referência a *diabo*, *satanás* ou *demônio*, constitui um sincretismo entre a ramificação católica e a evangélica. A partir dessa figura, a Bíblia, livro sagrado dos cristãos, afirma que o mal *existe* de fato no mundo e que a humanidade tem o mal dentro de si, referenciado como “forças sobre-humanas do mal”, de *satã* que, segundo a lenda, tinha sido o mais belo de todos os anjos – *Lúcifer* (portador da Luz) –, mas foi expulso para as regiões infernais por se opor à vontade de Deus. Por conseguinte, representa um poder pessoal de oposição a Deus: o *diabo*. Em algumas passagens, ainda, é citado como o futuro carrasco daqueles que não praticam a caridade, mercedores do castigo eterno (GAARDEN, 2000).

Portanto, nessas religiões cristãs, há referência explícita ao ente demoníaco, presente nos livros sagrados e nas práticas de culto como uma maneira de regular o comportamento humano. Essa figura do *diabo* personifica, assim, uma ameaça de que, no plano posterior à vida terrena, possam ocorrer coisas terríveis aos que não seguem as exigências dogmáticas das instituições religiosas.

Outra religião cristã, o espiritismo,¹ de acordo com Kardec (2014, p. 40) é, “ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática, consiste nas relações que se estabelecem entre nós e os espíritos; como filosofia, compreende todas as consequências morais que dimanam dessas mesmas relações”.

O eixo principal dessa religião é a crença na reencarnação e a possibilidade concreta de comunicação com os mortos. Ganha destaque uma inspiração tirada dos Evangelhos: a ética da caridade, tendo-se em Jesus Cristo a mais importante entidade já encarnada, e como maior mandamento o amor ao próximo, a ser respeitado pelos vivos e pelos mortos.

Sobre a existência do *demônio*, Kardec (2017), o fundador do espiritismo, expõe:

Se houvesse demônios, seriam obra de Deus. Mas, porventura, Deus seria justo e bom se houvesse criado seres destinados eternamente ao mal e a permanecerem eternamente desgraçados? Se há demônios, eles se encontram no mundo inferior em que habitais e em outros semelhantes. São esses homens hipócritas que fazem de um Deus justo um Deus mau e vingativo e que julgam agradá-lo por meio das abominações que praticam em seu nome (p. 103).

Já entre as religiões não cristãs mais numerosas no Brasil estão as religiões afro-brasileiras, nas quais a figura do *diabo* constitui um sincretismo. A presença do *demônio*, mesmo quando não explícita, pode ser inferida nos termos que denotam oposição à “luz”, citados como influências negativas, más vibrações, encostos, demandas e espíritos desencarnados que necessitam de expiação de suas faltas, a fim de purificação (GAARDEN, 2000).

Constata-se, pois, que em diversas ramificações, cristãs e não cristãs, a presença do mal é frisada como um ente, específico ou não. Do mesmo modo, no campo literário, as forças opositoras a Deus são citadas e a personagem demoníaca é mencionada ou inferida em diversas tramas ficcionais, normalmente como uma entidade antagonista, poderosa e temida, mencionada no folclore de vários povos ao redor do mundo, o que se evidencia nas manifestações culturais, como na literatura e no cinema.

Nessa perspectiva, entre outros autores e trabalhos que citam tal entidade, Magalhães et al. (2012) discorrem sobre a influência da figura demoníaca na literatura, estabelecendo uma relação entre os diferentes estilos, gêneros e tradições. Os autores

¹ Gaarden (2000), equivocadamente, inclui o espiritismo entre as religiões não cristãs.

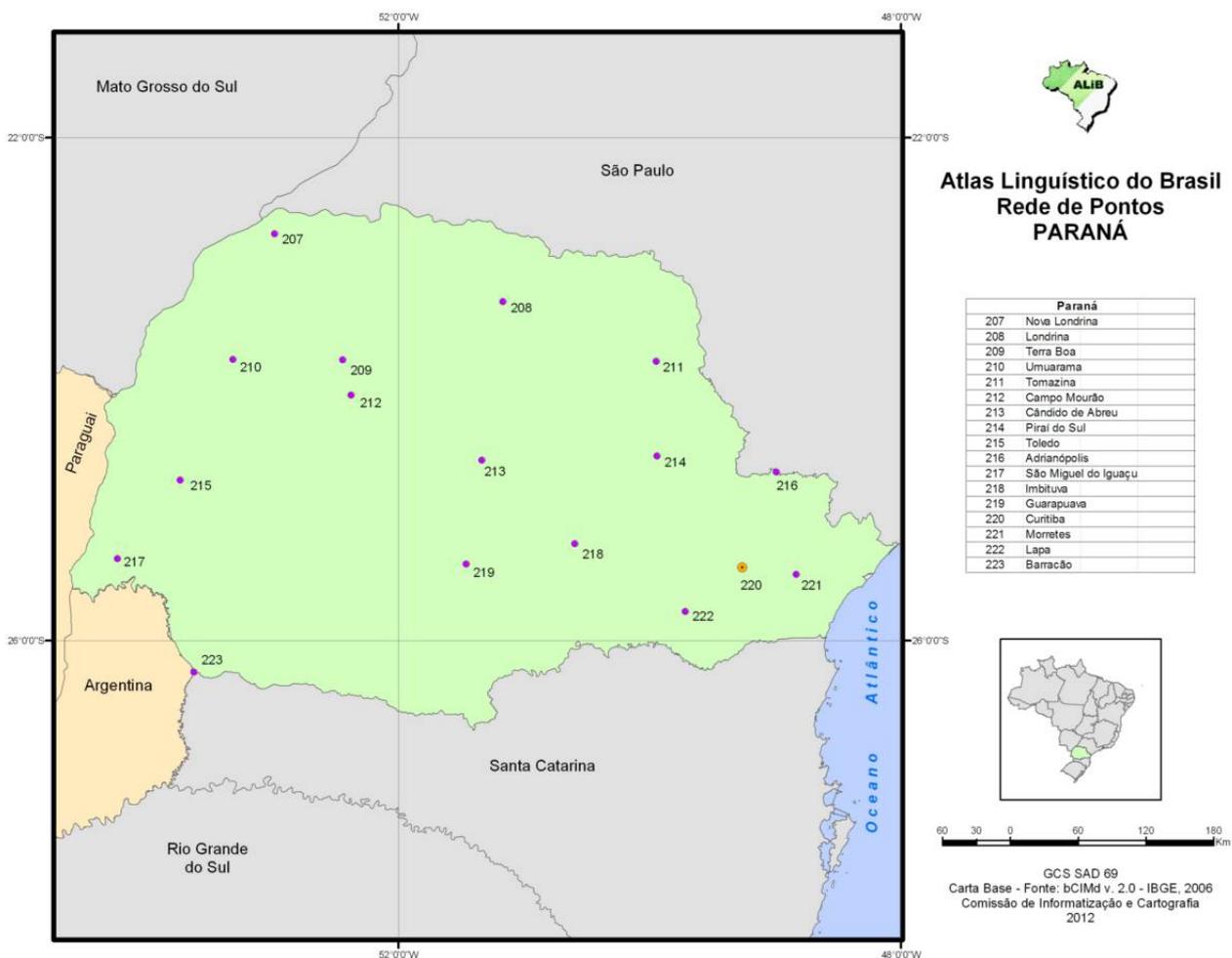
consideram que tal tema está presente na literatura antiga, chamada muitas vezes de religiosa, e até mesmo em textos considerados não religiosos, com denominações tais como *diabo*, *mal*, *satanás* e *demônio*. Assim, reiteram que o demoníaco não está circunscrito à religião formal e institucional, pois está presente também em muitas narrativas literárias, além de fazer parte de imaginários e representações das mais diferentes camadas da cultura brasileira. Por conseguinte, concluem que, se as figuras de *satanás* são figuras tradicionalmente religiosas, o demoníaco, por sua vez, estabelece uma fronteira criativa com figurações do mal, em outras tradições do pensamento, superando imposições dogmatistas e totalitaristas que institucionalizam figuras divinas e experiências do sagrado.

Outro exemplo de abordagem do tema encontra-se em Almeida (2010), que discute diferentes faces e fases da representação simbólica demoníaca pela Arte, mediante o devir sócio-histórico-cultural do ocidente, manifestada desde a Idade Média até a modernidade. Assim, enfatiza a produção artística simbólica sobre o *diabo* e seus diversos contornos desde os séculos finais da Idade Média, de modo a frisar a importância que assumiu no século XIV, como figura necessária à moralização da sociedade, em contraponto com a atualidade, em que a Indústria Cultural passou a utilizá-la como entretenimento, mediante o consumo de produtos culturais para satisfação de gostos. Assinala, ainda, que o *diabo*, por um lado, permanece como uma possível explicação para a presença do mal no mundo, símbolo mítico do mal, e por outro, enfrentou o enfraquecimento de sua função religiosa e tornou-se um instrumento a serviço da ideologia dominante da sociedade e das engrenagens da indústria capitalista.

ANÁLISE E DESCRIÇÃO DAS VARIANTES COLETADAS NO INTERIOR DO PARANÁ

Para melhor organizar os dados, as dezesseis localidades paranaenses envolvidas neste estudo foram assim elencadas (por nome e código em relação à pesquisa), conforme consta do ALiB (CARDOSO et al., 2014): Nova Londrina (207), Londrina (208), Terra Boa (209), Umuarama (210), Tomazina (211), Campo Mourão (212), Cândido de Abreu (213), Piraí do Sul (214), Toledo (215), Adrianópolis (216), São Miguel do Iguaçu (217), Imbituva (218), Guarapuava (219), Morretes (221), Lapa (222) e Barracão (223).

A Figura 1 permite uma visualização dos pontos citados, situando melhor o leitor sobre a localização das cidades em que os dados foram gerados. Por se tratar de um estudo da fala do interior paranaense, não estão incluídos os dados da capital, Curitiba (220).



Fonte: Cardoso et al. (2014, p. 77).

Figura 1 – Recorte regional para identificação dos pontos linguísticos do Paraná

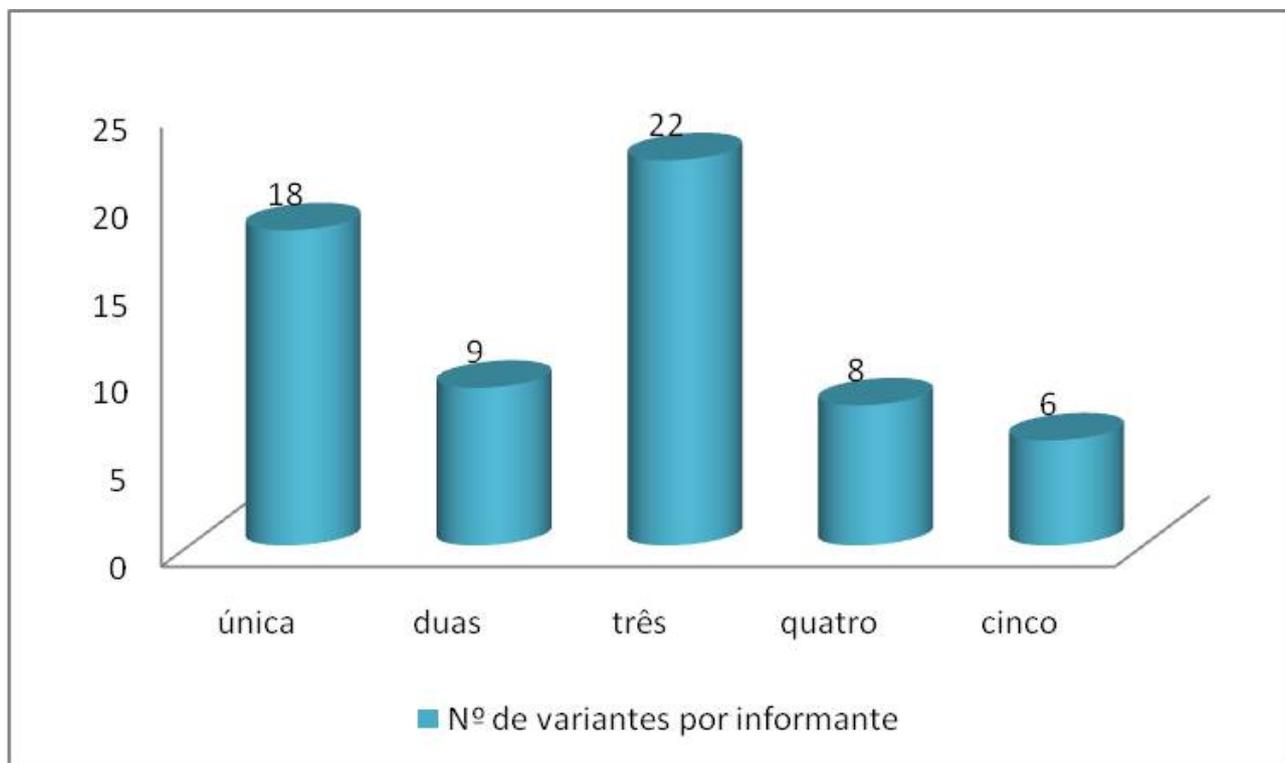
Enfatiza-se que, em cada cidade interiorana, foram entrevistados quatro informantes, os quais, segundo Cardoso et al. (2014), foram inquiridos individualmente, e responderam integralmente a um questionário extenso. Na informação numérica, os homens receberam números ímpares e as mulheres pares; no interior, todos eram de escolaridade fundamental e quanto à faixa etária, os informantes identificados pelos números 1 e 2 pertencem à faixa I e os números de 3 e 4, à faixa II.

As Variantes para o *Diabo* na Fala dos Paranaenses do Interior

Inicialmente, os dados foram registrados em planilha de Excel, para facilitar o levantamento do total de ocorrências, bem como para contabilizar as variantes segundo as variáveis localidade, sexo, faixa etária, escolaridade e religião.

O Gráfico 1 mostra que, dentre os 64 entrevistados, alguns apresentaram uma única resposta enquanto a maioria expressou mais de um registro para a denominação

requisitada, havendo informantes que elencaram até cinco respostas para nomear o *diabo*.



Fonte: Elaborada pelas autoras.

Gráfico 1 – Número de variantes para o *diabo* por informante

De acordo com o Gráfico 1, dos 64 informantes, 18 (28,6%) deram uma única resposta, dos quais 16 registraram a forma *diabo* e os outros 2 registraram *capeta* ou *demônio*. No entanto, quando instados a responder se conheciam outros nomes para esse ente, 9 (14,3%) deram duas respostas; 22 (34,9%) elicitaram três formas; 8 (12,7%) apresentaram quatro itens lexicais e, finalmente, 6 (9,5%) registraram cinco variantes. Em alguns casos, nem foi necessário o entrevistador solicitar outras formas, posto que o próprio informante enumerava várias delas espontaneamente.

Pelo elenco dos dados, foi possível observar ainda que, dentre os 63 informantes que citaram alguma denominação (um informante optou por não citar nenhuma), apenas 7 não citaram a denominação *diabo*. Coincidentemente, essa forma é, também, a mais recorrente na Bíblia cristã, o que, pela tradição cristã dos brasileiros, pode ter motivado sua predominância entre os falantes paranaenses.

Para a contagem das variantes, foram amalgamadas as que têm a mesma raiz, obedecendo a alguns critérios como: (i) acréscimo de sufixo diminutivo, de desinência de gênero ou de número, como *diabo* e *diabinho*; (ii) redução da terminação ou de parte

dela, como *demo* e *demônio*; (iii) formas com variação fonética ou morfofonética, *lúcifer/lucifél*; *satanás/satanái*. Por outro lado, foram contadas separadamente as variantes de *satã* e *satanás*, pois, de acordo com Ferreira (2004), pertencem a étimos distintos.

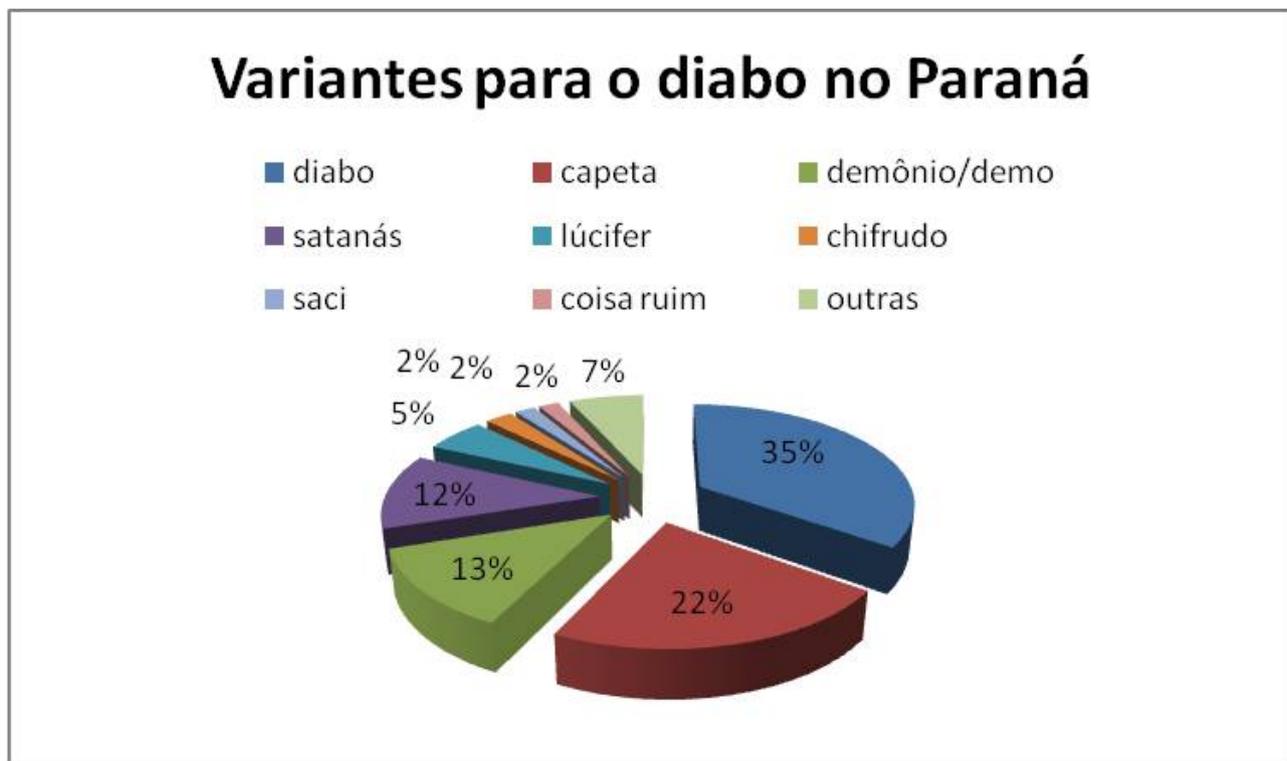
Para esse total de 164 registros foram consideradas todas as respostas dadas pelos 63 informantes que citaram alguma denominação, o que explica a média de 2,6 respostas por falante. Como primeira resposta, a variante *diabo* foi registrada por 47 informantes, representando 74,6% do total; como segunda e terceira respostas, a mais produtiva foi *capeta*, com 18 e 9 registros, ou 40% e 27,8%, respectivamente. *Demônio* foi a quarta e quinta resposta mais frequente, com 5 e 3 ocorrências, ou seja, 33,3% e 50%, respectivamente.

Quadro 1 – Número de variantes de acordo com a sequência na fala dos informantes

Sequência das respostas Variantes	1 ^a	2 ^a	3 ^a	4 ^a	5 ^a	Total
<i>diabo</i>	47	9	1	1	-	58
<i>capeta</i>	8	18	9	1	-	36
<i>demônio/demo</i>	5	4	3	5	3	20
<i>chifrudo</i>	1	-	3	-	-	4
<i>saci</i>	1	1	1	-	-	3
<i>cramunhão</i>	1	-	-	-	-	1
<i>satanás</i>	-	10	9	-	1	20
<i>cão</i>	-	1	-	-	-	1
<i>lúcifer</i>	-	2	3	3	1	9
<i>coisa-ruim</i>	-	-	2	1	-	3
<i>inimigo</i>	-	-	1	-	-	1
<i>maldito</i>	-	-	1	-	-	1
<i>bicho-preto</i>	-	-	-	1	-	1
<i>belzebu</i>	-	-	-	1	-	1
<i>pé-redondo</i>	-	-	-	1	1	2
<i>pé-vermelho</i>	-	-	1	-	-	1
<i>satã</i>	-	-	-	1	-	1
<i>(o)nhengo</i>	-	-	1	-	-	1
Total	63	45	35	15	6	164

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Considerando as variantes lexicais, constata-se que há muitas denominações adequadas ao ente solicitado, algumas mais comuns, outras mais particulares, mas todas carregadas de sentido para os falantes que as utilizam no interior de suas comunidades. Para melhor visualizar os índices de ocorrências, elaborou-se o Gráfico 2, do qual constam as variantes com três registros, ou mais, e os agrupamentos da menos frequentes (*pé-redondo*) e as ocorrências únicas, sob a denominação *Outras*.



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Gráfico 2 – Índices de ocorrência das variantes para *diabo* no interior do Paraná

O Gráfico 2 mostra que as cinco variantes lexicais mais frequentes, incluindo as variantes fonéticas e morfofonêmicas de cada uma, são: *diabo/diabinho* (58 registros), *capeta/capetô* (37), *demônio/demo* (21), *satanás* (20), *lúcifer* (9)² e *chifrudo* (4). As demais, *saci* e *coisa-ruim* apresentam três registros cada. Sob a rubrica *outras*, reunimos *pé-redondo* (dois registros) e as seguintes ocorrências únicas: *Belzebu*, *bicho-preto*, *cão*, *cramunhão*,³ *inimigo*, *maldito*, *pé-vermelho*, *satã* e *(o)nhengo*.⁴

² Embora as variantes *demônio*, *satanás*, *satã*, *belzebu* e *lúcifer* apareçam em maiúsculas em alguns dicionários e/ ou abonações consultadas, decidiu-se aqui pela grafia em minúsculas, a fim de uma padronização.

³ Na fala do informante, *gramunhão*.

⁴ Pelo áudio não foi possível identificar se o <o> é artigo ou parte do nome.

Em uma análise sobre a denominação da figura demoníaca na Bíblia cristã, facilitada pelas páginas que armazenam versões *online* desse livro sagrado, são relacionadas diretamente as expressões *diabo*, *satanás*, *demônio* e *lúcifer*; esta última ocorre uma única vez, no livro de Isaías, capítulo 14. Constatou-se, ainda, que *belzebu* se faz presente em algumas passagens, referindo-se ao príncipe dos demônios, que seriam os espíritos malignos. Também a expressão *cão* é utilizada diversas vezes, no sentido de inferioridade, em metáforas que traduzem desprezo e humilhação. A forma *maldito*, registrada sob a variante fonética *mardito*, por sua vez, é apresentada na Bíblia, mas sempre no sentido de homem amaldiçoado, na maioria das vezes com tom imperativo, em sentenças que caracterizam ameaças àqueles que se desviem do caminho de bem. *Inimigo* é outra palavra recorrente no texto bíblico, mas de maneira indefinida, no plural na maioria das vezes.

É provável que as variantes *diabo/diabinho*, *capeta/capetô*, *satanás/satanais/satãnis/satanaí*, *satã*, *demônio/demôni/demo/demonho*, *lucífer/lucifer/lúcifer/lucifél/lucifé* e *belzebur* sejam motivados por influência da religião cristã professada pela maioria dos informantes. Assim também *cão*, *maldito* e *inimigo* podem ter sido motivados pelo fator religioso, por se fazerem presentes no livro sagrado dos cristãos, ainda que indiretamente relacionados à figura do *diabo*. No caso de *demônio*, no sentido de espíritos maus, também é bastante presente no Livro dos Espíritos, um dos que embasam o kardecismo, ou espiritismo.

A Dicionarização das Variantes para o *Diabo* Reunidas no *Corpus*

Em consulta a dois dicionários da Língua Portuguesa, Aulete (1964) e Ferreira (2004), verificou-se que, das 18 variantes elencadas, 3 delas não constam dessas obras lexicográficas: *(o)nhengo*, *pé-redondo* e *pé-vermelho*; e 3 estão dicionarizadas com outras acepções: *chifrudo*, *inimigo* e *saci*.

Aulete (1964) e Ferreira (2004) registram:

Belzebu, como procedente do hebraico: *Ba'al zebub*, 'deus das moscas' e o príncipe dos demônios, segundo o Novo Testamento;

bicho-preto: brasileirismo do Nordeste, o *diabo*;

cão: brasileirismo popular, o *diabo*;

capeta: para Aulete, é um brasileirismo, o *diabo*. Ferreira registra: [De *capa* + *-eta* (ê)] é de uso familiar com remissão a *diabo*;

coisa-ruim: para Ferreira é forma popular, brasileirismo e cabo-verdianismo na acepção de diabo. Aulete (1964) coloca como brasileirismo, o *diabo*;

demo: para Aulete, é forma familiar, com o significado de *demônio*, *diabo*. Ferreira afirma tratar-se de forma reduzida de *demônio*, com remissão a *diabo*;

demônio: procede do grego *daimónion*, pelo latim tardio *daemoniu*. O autor esclarece: (i) nas crenças da Antiguidade e no politeísmo, era o gênio inspirador, bom ou mau, que presidia o caráter e o destino de cada indivíduo; alma, espírito,

e (ii) nas religiões judaica e cristã, refere-se ao anjo mau que, tendo-se rebelado contra Deus, foi precipitado no Inferno e procura a perdição da humanidade; gênio ou representação do mal; espírito maligno, espírito das trevas; Lúcifer, Satanás, Satã, diabo;

diabo: para Aulete, espírito ou gênio do mal; o espírito maligno, o *demônio*, segundo a crença de vários povos antigos e modernos. Ferreira expõe: é forma familiar de origem grega *diábolos*, pelo lat. ecles. *diabolu* com remissão a *demônio*;

Lúcifer: em Aulete, Satanás. Para Ferreira, vem do lat. ecles. Lucifer, ‘o que leva o archote’, ‘a estrela da manhã’. 1. *diabo*;

maldito: brasileirismo popular, o *diabo*;

Satã: Aulete (1964) remete simplesmente a Satanás. Ferreira expõe: do b. lat. *Satan* < Gr. *satân* < hebr. *satan*, ‘o adversário’, ‘o acusador’, o ‘*demônio*’ [...], com remissão a *diabo*, na 2ª entrada;

Satanás: em Aulete: o *demônio*, o *diabo*, *Belzebu*. Nome que a Escritura dá ao chefe dos anjos rebeldes convertido em espírito do mal. Em Ferreira: do lat. *Satanas*, o que arma ciladas, inimigo, também com remissão a *diabo*.

Aulete (1964) registra, além dessas: *cramulhano*, como forma vigente nos Açores, como sinônimo de *diabo*, *barzabum*, *mafarrico*.

Na tentativa de encontrar o significado das variantes que não estão dicionarizadas em ambos os dicionários ou em um deles, recorreu-se ao *Dicionário Informal*, ferramenta online, onde foram encontradas as formas: (i) *pé redondo*, bom dançarino, comparado ao boto, figura folclórica; (ii) *cramunhão*, pequeno diabinho, figura folclórica, que representa pacto e enriquecimento; (iii) *unbango*, flexão de unhar, riscando ou ferindo com as unhas; (iv) *pé vermelho*, denominação popular dada à pessoa natural do norte do Paraná. Talvez seja uma extensão do significado, pelo fato de a figura do *diabo* ser representada sempre com a cor vermelha.

A figura do *saci* é bastante conhecida no Brasil como um mito folclórico, personificado em um menino negro muito travesso, de uma perna só, vestido de bermuda e gorro vermelho, trazendo um cachimbo à boca. Nos contos e lendas populares e também nas obras de literatura infantil, como a de Monteiro Lobato, é citado sob diversas perspectivas. As travessuras a ele atribuídas podem ter motivado a extensão do significado para o *diabo*.

A variante *pé-redondo* pode levar à associação a *pé-de-cabra*,⁵ dicionarizada como forma popular na acepção de *diabo*. Quanto a *onbengo* (ou *nbengo*), há duas possibilidades: (i) tratar-se de uma variante fonética de *uanbenga*, que pode ter duas origens: do maori e do quimbundo. No maori, língua malaio polinésia falada na Nova Zelândia e nas ilhas

⁵ Lembrando que os caprinos têm as patas arredondadas.

Cook, segundo o Google Tradutor significa ‘contração’; no quimbundo,⁶ hipótese mais provável, significa ‘pendurar a carne’ ou ‘o poder é odiado’. Por exemplo: aquele que sai da vila e retorna com sucesso com a caça; ou (ii) tratar-se de variante fonética de *anbanga*, do tupi *diabo*; ou *anhangá*, na mitologia Tupi-Guarani, o espírito do mal, com remissão a *diabo* (FERREIRA, 2004).

Algumas dessas formas podem estar relacionadas aos estereótipos criados acerca dessa entidade, que normalmente é retratada como personagem de cor vermelha, com grandes pés e mãos e com chifres, caracterizações que podem ter motivado as denominações *chifrudo*, *pé-vermelho* e *pé-redondo*.

A INFLUÊNCIA DAS VARIÁVEIS LOCALIDADE, SEXO, FAIXA ETÁRIA, ESCOLARIDADE E RELIGIÃO SOBRE AS VARIANTES LEXICAIS PARA O *DLABO*

Como variáveis extralinguísticas, consideraram-se as localidades, reunidas pelas mesorregiões geográficas, o sexo, a faixa etária, a escolaridade e a religião dos informantes.

Os Nomes do *Diabo* nas Cidades do Interior Paranaense: distribuição diatópica por Mesorregião

São dez as Mesorregiões paranaenses: Norte Pioneiro, Norte Central, Noroeste, Centro Ocidental, Centro Oriental, Oeste, Centro-Sul, Sudoeste, Sudeste e Metropolitana de Curitiba, e em cada uma delas foi contemplada pelo menos uma localidade a ser investigada pelo ALiB. O Quadro 2 traz a distribuição das variantes pelas Mesorregiões e pelos pontos selecionados no Paraná para compor o ALiB.

O Quadro 2 mostra que *diabo* é a única forma registrada em todas as dez Mesorregiões e nas 16 localidades investigadas. *Capeta*, a segunda mais frequente, só não ocorreu no Norte Pioneiro, no Sudeste e na Região Metropolitana de Curitiba, nos pontos 211, 218 e 221, respectivamente. Observa-se, também, que em três pontos ocorreu o maior número de denominações: 213, no Norte Central; 221, na Região Metropolitana de Curitiba e 223, no Sudoeste; enquanto nos pontos 208 (Norte Central) e 214 (Centro-Oriental) ocorreu o menor número delas (3). Este fato – ocorrência de maior ou de menor número de variantes por ponto – não permite, por falta de elementos comprobatórios, que se faça uma interpretação cabal, pois vários fatores podem colaborar para isto, como a habilidade do entrevistador em buscar outros nomes para a entidade junto ao informante e por este estar mais propenso ou disponível para dar mais respostas do que o solicitado.

⁶ Explicação dada, via e-mail, pelo Prof. Dr. Alamir Aquino Corrêa, do Programa de Pós-Graduação em Letras da UEL, que, por sua vez, a transcreveu da fala do poeta, romancista e ativista político angolano, Agostinho André Mendes de Carvalho, cujo cognome quimbundo é Uanhenga Xitu.

Quadro 2 – Distribuição das variantes de acordo com as mesorregiões paranaenses

Mesorregiões/localidades e códigos		Variantes e número de ocorrências	
Noroeste	Nova Londrina (207)	<i>diabo, capeta, satanás, demônio</i>	4
Noroeste	Umuarama (210)	<i>diabo, capeta, satanás, demônio, belzebu, Lúcifer</i>	6
Norte Central	Londrina (208)	<i>diabo, capeta, satanás</i>	3
Norte Central	Cândido de Abreu (213)	<i>diabo, capeta, demônio, satanás, chifrudo, maldito, Lúcifer, coisa-ruim</i>	8
Norte Pioneiro	Tomazina (211)	<i>diabo, saci, satanás, Lúcifer, inimigo</i>	5
Centro Ocidental	Terra Boa (209)	<i>diabo, capeta, demônio, demo, chifrudo, pé redondo</i>	5
Centro Ocidental	Campo Mourão (212)	<i>diabo, capeta, demônio, satanás, satã</i>	5
Centro Sul	Guarapuava (219)	<i>diabo, capeta(ô), demônio, Lúcifer</i>	4
Centro Oriental	Piraí do Sul (214)	<i>diabo, capeta, demo</i>	3
Oeste	Toledo (215)	<i>diabo, capeta, demônio, satanás, Lúcifer</i>	5
Oeste	São Miguel do Iguçu (217)	<i>diabo, capeta, demônio, Lúcifer</i>	4
Sudeste	Imbituva (218)	<i>diabo/diabinho, demônio, satanás, Lúcifer, coisa-ruim</i>	5
Metropolitana de Curitiba	Adrianópolis (216)	<i>diabo, capeta, Lúcifer, coisa-ruim</i>	4
Metropolitana de Curitiba	Morretes (221)	<i>diabo, satanás, chifrudo, onbengo, bicho preto, pé vermelho, pé redondo</i>	7
Metropolitana de Curitiba	Lapa (222)	<i>diabo, capeta, satanás, demônio</i>	4
Sudoeste	Barracão (223)	<i>diabo, capeta, satanás, demônio, cramunhão, Lúcifer</i>	6

Fonte: Elaborado pelas autoras.

A Variável Sexo e as Denominações Para o *Diabo*

Quanto à variável sexo, uma série de pesquisas sociolinguísticas tem apontado, entre outras, para duas vertentes: (i) de um lado, que as mulheres usam, com maior frequência do que os homens, as variantes de maior prestígio; (ii) de outro, que a fala feminina é mais conservadora que a masculina, com tendência a seguir as prescrições da gramática normativa. Diante dessas duas possibilidades, considerou-se pertinente analisar se o fator sexo teria alguma influência sobre o uso de determinadas variantes para o *diabo*, e o resultado consta do Quadro 3.

Quadro 3 – Distribuição das ocorrências de variantes segundo a variável sexo

Variantes	Homens	Mulheres
1. <i>diabo</i>	30	28
2. <i>capeta</i>	20	16
3. <i>satanás</i>	12	8
4. <i>demônio</i>	9	11
5. <i>lúcifer</i>	6	3
6. <i>chifrudo</i>	2	2
7. <i>saci</i>	3	0
8. <i>pé-redondo</i>	1	1
9. <i>coisa-ruim</i>	0	3
10. <i>cramunhão</i>	1	0
11. <i>cão</i>	1	0
12. <i>maldito</i>	1	0
13. <i>(o)nhengo</i>	1	0
14. <i>bicho-preto</i>	1	0
15. <i>pé-vermelho</i>	0	1
16. <i>belzebu</i>	1	0
17. <i>inimigo</i>	0	1
18. <i>satã</i>	1	0
Soma parcial	90	74
Total	164	

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Os dados indicam que os homens paranaenses conhecem um número maior de denominações para o *diabo* do que as mulheres: 90 (55%) e 74 (45%) registros, respectivamente. Das 18 denominações, apenas 3 – *coisa-ruim*, *pé-vermelho* e *inimigo* – não foram registradas na fala masculina, enquanto as mulheres não se referiram a *saci*, *cramunhão*, *cão*, *maldito*, *(o)nhengo*, *Belzebu*, *bicho-preto* e *satã*.

Esses resultados confirmam os estudos de Paiva (2004) quanto à diferença entre os falares femininos e masculinos no plano lexical, reafirmando a persistência da cultura em considerar que determinadas palavras se situam melhor na boca de um homem do que pronunciadas por uma mulher, como parece ser o caso das diferentes denominações da entidade demoníaca. No caso de *saci*, em que as três ocorrências estão na fala dos homens, pode-se afirmar que eles têm um conhecimento maior dos fatos que envolvem as crenças e mitos ou até de atribuir o mesmo nome para entidades diferentes. *Coisa-ruim*

e *inimigo*, registradas apenas pelas mulheres, com 3 e 1 ocorrências, respectivamente, parecem estar ligadas ao tabu de não se denominar diretamente o diabo, mas usar uma expressão eufêmica, mais difusa e genérica.

Em síntese, as ocorrências únicas foram mais frequentes na fala masculina (73%) e trazem uma carga semântica mais disfêmica, como *cramunhão*, *cão*, *(o)nhengo*, *satã*, palavras em que as vogais e os ditongos nasais estão muito presentes. O Quadro 3 mostra, também, que as variantes *diabo* e *demônio* são formas comuns a ambos os sexos, enquanto *capeta*, *lúcifer* e *satanás*, sobretudo este último, são mais frequentes na fala masculina.

A Variável Faixa Etária e os Nomes Para o *Diabo*

Para Silva-Corvalán (1989, p. 75-76, tradução nossa),

a distribuição das variáveis linguísticas segundo a idade dos falantes tem sido interpretada como reflexo de três possíveis situações: 1) identidade de grupo; 2) autocorreção por parte dos grupos geracionais mais ativos na vida pública e 3) mudança linguística em progresso.

Para verificar essa influência, considerou-se pertinente avaliar em que medida a faixa etária representa um fator que possa definir o uso de uma ou de outra forma. O *corpus* do ALiB traz a fala de dois grupos etários: na Faixa I estão os falantes de idade entre 18 a 30 anos, e na Faixa II, os de 50 a 65 anos.

O Quadro 4 traz a distribuição das variantes conforme esta variável.

O Quadro 4 mostra que, no interior do Paraná, os mais velhos conhecem e expressam maior número de variantes para o *diabo* (89 registros) do que os mais jovens (75 registros), pois, das 18 denominações elencadas, os informantes da Faixa II registraram 16 nomes (não ocorreram *onhengo* e *bicho-preto*) e os da Faixa I, apenas 9. Observa-se, também, que as formas mais disseminadas no português médio, como *capeta*, *demônio*, *diabo* e *satanás*, são usadas com frequência semelhante por ambos os grupos. Na Faixa II, a diferença é maior para *lúcifer* e para as variantes únicas, ou menos frequentes, como *saci*, *coisa-ruim*, *cramunhão*, *cão*, *maldito*, *pé-vermelho*, *belzebu*, *inimigo* e *satã*.

Quadro 4 – Distribuição das variantes de acordo com a variável faixa etária

Variantes	Faixa Etária I	Faixa Etária II
1. <i>diabo</i>	29	29
2. <i>capeta</i>	19	17
3. <i>satanás</i>	11	9
4. <i>demônio</i>	10	10
5. <i>lúcifer</i>	1	8
6. <i>chifrudo</i>	2	2
7. <i>saci</i>	0	3
8. <i>pé-redondo</i>	1	1
9. <i>coisa-ruim</i>	0	3
10. <i>cramunbão</i>	0	1
11. <i>cão</i>	0	1
12. <i>maldito</i>	0	1
13. <i>(o)nbengo</i>	1	0
14. <i>bicho-preto</i>	1	0
15. <i>pé-vermelho</i>	0	1
16. <i>belzebu</i>	0	1
17. <i>inimigo</i>	0	1
18. <i>satã</i>	0	1
Soma parcial	75	89
Total	164	

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Diante dessa constatação, considerou-se pertinente, ainda, cruzar os dados para identificar em que grupo se concentra o uso de cada forma.

O Quadro 5 mostra a distribuição dessas variantes pelas variáveis extralinguísticas sexo e faixa etária.

No primeiro momento, os dados do Quadro 5 levam à inferência de que os homens, tanto da Faixa I quanto da Faixa II, utilizam um número maior de denominações para o *diabo* (41 e 49, respectivamente) do que as mulheres (34 na Faixa I e 40 na Faixa II). Este fato contraria a ideia de que, na geração dos mais jovens, atualmente, não há diferença entre a fala dos homens e das mulheres no que se refere ao uso do vocabulário. Quando se olha para o total coletado na Faixa II, verifica-se uma diferença ligeiramente maior para os homens (49 e 40).

Quadro 5 – Distribuição das variantes segundo a faixa etária e o sexo

Variantes	Faixa Etária I		Faixa Etária II	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
1. <i>diabo</i>	14	15	16	13
2. <i>capeta</i>	10	9	10	7
3. <i>satanás</i>	6	5	6	3
4. <i>demônio</i>	6	4	3	7
5. <i>lúcifer</i>	1	0	5	3
6. <i>chifrudo</i>	1	1	1	1
7. <i>saci</i>	0	0	3	0
8. <i>pé-redondo</i>	1	0	0	1
9. <i>coisa-ruim</i>	0	0	0	3
10. <i>cramunhão</i>	0	0	1	0
11. <i>cão</i>	0	0	1	0
12. <i>maldito</i>	0	0	1	0
13. <i>(o)nbengo</i>	1	0	0	0
14. <i>bicho-preto</i>	1	0	0	0
15. <i>pé-vermelho</i>	0	0	0	1
16. <i>belzebu</i>	0	0	1	0
17. <i>inimigo</i>	0	0	0	1
18. <i>satã</i>	0	0	1	0
Soma parcial	41	34	49	40
Total	164			

Fonte: Elaborado pelas autoras.

O número de ocorrências de *diabo* é mais ou menos homogêneo em todos os grupos, mas *demônio* e variantes são mais frequentes entre as mulheres da Faixa II. A referência a *saci*, como uma das denominações possíveis para o ente solicitado, encontra-se somente na fala de homens da Faixa II, isto é, são eles que estendem o significado de um ser para outro com o qual guarda algumas características semelhantes.

A Variável Escolaridade e os Nomes Para o *Diabo*

Nas localidades do interior foram entrevistados apenas informantes com o nível fundamental, cujo tempo de escolaridade variou de um a oito anos de estudo. Para este

estudo, considerou-se o universo dos 64 informantes em dois grupos quanto ao tempo de permanência na escola: os que estudaram até quatro anos e os que o fizeram até oito anos. Desse modo temos o seguinte: para o primeiro grupo, 49 informantes; para o segundo, 15.

Dentre os 49 participantes que não estudaram além da 4ª série, houve 118 ocorrências para nomear o *diabo*, ou seja, uma média 2,4 denominações por informante, enquanto entre os 19 que estudaram ou estudavam em séries posteriores, o número de ocorrências foi de 45, média de 2,36 formas por falante. Assim, essas médias por informante permitem inferir que a relação escolaridade e número de dados não apresenta diferença substancial, embora, no segmento menos escolarizado, tenha se registrado um número discretamente maior de denominações para esse ente. As amostras não levam, pois, a conclusões sobre a influência ou não da escola nas denominações do *diabo*, provavelmente por se tratar de assunto pouco comum nas práticas escolares e mais frequente nas conversas familiares.

As Denominações para o *Diabo* e a Variável Religião dos Informantes

Por ser citado no livro sagrado dos cristãos, o fator religioso pode ser uma das motivações para os nomes *diabo*, *capeta*, *demônio*, *lúcifer* e *belzebu*. Para melhor compreensão das motivações que possam ter influenciado as respostas e para investigar se havia um padrão nas respostas que dependesse desse fator, analisou-se, ainda, a opção religiosa dos participantes, registrada nas fichas dos informantes.

O Quadro 6 mostra a religião que os informantes declararam professar e o número de ocorrências.

Quadro 6 – A variável religião nas denominações para o *diabo*

Religião declarada e número de adeptos		%
Católico	51	79,8%
Protestante ou Evangélico	9	14,0%
Espírita	2	3,1%
Agnóstico ou não praticante ⁷	2	3,1%
Total	64	100%

Fonte: Elaborado pelas autoras.

⁷ Os informantes que se declararam ter se distanciado da religião foram incluídos entre os agnósticos ou não praticantes.

A maior parte dos informantes se declarou católica, seguida dos evangélicos e, a minoria, espíritas e agnósticos, sem crença específica. Considerando os 64 falantes e o total de 164 ocorrências, obteve-se a média de 2,5 variantes por informante. Entre os católicos, a média ficou em 2,6 registros por participante; entre os evangélicos, 2,4; entre os espíritas, 2 ocorrências por falante, e entre os agnósticos, 2,7. Observa-se, pois, que os católicos e os agnósticos foram os que manifestaram um número ligeiramente maior de denominações para o *diabo* no interior paranaense, o que pode levar à inferência de que esses dois grupos têm menos pudor ao elencar os nomes para essa entidade do que evangélicos e espíritas. A ausência de dogmas para os agnósticos pode indicar, por ceticismo ou indiferença, a maior sensação de liberdade em se referir à figura caracterizada por ficar no inferno. Da mesma forma, a visão diferente dos espíritas acerca do *demônio* pode ter levado ao menor número de variantes.

Embora o tabu linguístico, isto é, a abstenção de pronunciar o nome desse ser, não tenha se manifestado de forma explícita, alguns informantes mostraram-se pouco confortáveis ao nomear o *diabo*. Reproduzimos, na sequência, o diálogo, extraído do *corpus* do ALiB, entre a entrevistadora e a informante 4 do Ponto 214, católica, que apresentou resistência em responder a questão que lhe foi formulada e se absteve de proferir o nome do *diabo*:

- (1) INQ.- O que está no inferno?
INF.- (riso) Diz que não existe o inferno.
INQ.- Não.
INF.- Acho que o inferno é aqui na terra mesmo, né.
INQ.- Na terra. Mas se existisse, quem estaria lá?
INF.- Deus está no céu, na terra e em todos os lugar, né.
INQ.- É, e no inferno quem que estaria?
INF.- Ai, acho que num... esse num...
INQ.- O que eles falam.
INF.- Hein?
INQ.- O que eles falam que está no inferno?
INF.- Não gosto de falá esse nome.
INQ.- Não?
INF.- Não.
INQ.- Ah, tá. Você prefere passar?
INF.- Prefero, prefiro passá.
INQ.- Então, tá bom.

As motivações que a levam a evitar o nome solicitado não são explícitas, mas é notório o desconforto dessa informante, não se sentindo à vontade para pronunciar qualquer nome referente ao *diabo*.

Outros excertos demonstram que, seja pelo riso, pela indeterminação do agente da ação (*outros, uns, eles, diz que, muita gente, a turma*), ou pelas interjeições de repulsa (*ai,*

credo), o informante sente a necessidade de preservar a face, de se isentar de qualquer culpa ou castigo que possa advir da pronúncia do nome do *diabo*, conforme ilustram os exemplos extraídos do *corpus*:

(2) INF.- O *diabo*, o *capeta*, **ai, credo** (208-2 – informante católica).

(3) INF.- O *saci*, o *capeta*.

INQ.- Outros nomes pro *capeta*.

INF.- **Uns** fala *capeta*, **otos** fala *chifrudo*, **otos** fala *diabo* (209-3 – informante católico).

(4) INF.- O demônio.

INQ.- Tem outros nomes?

INF.- Acho que não.

INQ.- Para o demônio a gente pode falar quais nomes pra ele?

INF.- **Ai**, tem vários nomes que **eles** fala né, **diz que** é *capeta* ô é né, esses nome feio (210-4 – informante católica).

(5) INF.- O *diabo* né, que **eles** falam. (risos).

INF.- Segundo a Bíblia tá o *diabo*.

INQ.- E tem outros nomes pra *diabo*?

INF.- *Diabo*? Ah, o *diabo*... **eles falam**, tem diversos nome, né. **Falam** de *diabo*, **falam** de *satanáis*, né... *mardito!* (risos) Que eu acho que o certo seria mesmo o quê? *Lucifé*? Parece que é assim, né? Na Bíblia acho que é *Lucifé*, não, porque na verdade como é que era o nome certo do anjo? Que o *diabo* é um anjo, né? *Lúcio*, alguma coisa assim, *Luci*... o nome né, um dos anjos mais querido a Deus, né. E pelo desencontro... o próprio Deus trocou o nome dele, né, pa *Lucifé* no caso, né. Seria o *Lucifé*, ou *diabo*, demônio, *satanáis*, né, **falam muito isso**, o demônio, né (213-3 – informante católico).

(6) INF.- O *diabo*, né, na convenção **deles** é o *diabo*.

INQ.- Quais os outros nomes que você sabe para *diabo*?

INF.- *Diabo*, *Lúcifer*, né, **muita gente do sítio diz** o *Lúcifer*, o *diabo*, *coisa ruim* (216-4 – informante espírita).

(7) INF.- O *diabo*, deve ser né, é... é... (risos) (221-3 – informante católico).

(8) INF.- O *diabo*.

INQ.- Tem outros nomes pra *diabo*?

INF.- **A turma** diz *diabo*, diz *capeta*, é isso daí que **eles** falam.

INQ.- Que mais? Não tem mais? Mais nomes pro *diabo*?

INF.- *Satanás*... que **eles** dizem.

INQ.- Isso (risos).

INF.- É isso aí que eu sei (222-1 – informante católico).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo demonstrou que, nas 16 localidades do interior do Paraná, foram registradas 18 diferentes denominações para o diabo as quais foram analisadas segundo a dicionarização e a influência das variáveis diatópica, diasssexual, diastrática, diageracional e a opção religiosa sobre cada uma delas. O *corpus* apresentou 164 registros obtidos junto aos 64 informantes paranaenses, o que indica a média de 2,6 denominações por informante.

A consulta aos dicionários demonstrou que a maioria dos nomes está dicionarizada na acepção de *ente que habita o inferno*; 3 não estão dicionarizados – *(o)nhengo*, *pé-redondo*, *pé-vermelho* –, e 3 deles estão dicionarizados com outras acepções: *chifrudo*, *inimigo* e *saci*.

Quanto à influência das variáveis extralinguísticas pesquisadas: localidade, sexo, faixa etária, escolaridade e religião, apenas a variável diasssexual pareceu ser relevante, se se considerar que os homens verbalizaram um número maior de variantes do que as mulheres. A manifestação de tabus linguísticos também foi bastante sutil, expressa em risos, interjeições de aversão e indeterminação do agente, que conhece e profere diferentes nomes para o *diabo*.

Dessa forma, com base na abordagem lexical, corrobora-se a ideia de que a linguagem humana é permeada por variações que fazem dela um instrumento de comunicação heterogêneo e multifacetado, fonte preciosa para a análise geossociolinguística.

REFERÊNCIAS

- AGUILERA, V. A. *Atlas lingüístico do Paraná*. Apresentação. Londrina: Editora da UEL, 1996.
- ALMEIDA, M. R. H. O diabo e a Indústria Cultural: as diversas faces da personificação do mal nas telas de cinema. *Revista Nures*, n. 16, set./dez. São Paulo: PUC, 2010. p. 1-55. Disponível em: <https://bit.ly/2ApSwCadiaind>. Acesso em: 16 ago. 2017.
- AULETE, C. *Dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa*. 2. ed. bras. Rio de Janeiro: Delta, 1964.
- BIBLE Server. Disponível em: <https://www.bibleserver.com>. Acesso em: 18 ago. 2017.
- BÍBLIA online. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br>. Acesso em: 18 ago. 2017.
- CARDOSO, S. A. *Geolinguística*: tradição e modernidade. São Paulo: Parábola, 2010.

CARDOSO, S. A. M. S. et al. *Atlas linguístico do Brasil: Introdução*. v. 1. Londrina: EDUEL, 2014.

CARDOSO, S. A.; MOTA, J. A. Projeto Atlas Linguístico do Brasil: antecedentes e estágio atual. *Alfa*, São Paulo, v. 56, n. 3, p. 855-870, 2012. Disponível em: <https://bit.ly/2XeokTAlfaAliB>. Acesso em: 20 jul. 2017.

DICIONÁRIO informal. Disponível em: <http://www.dicionarioinformal.com.br>. Acesso em: 18 ago. 2017.

FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário da Língua Portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Positivo, 2004.

GAARDEN, J. et al. *O livro das religiões*. Tradução de Isa Mara Lando. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

HORA, D. Teoria da Variação: trajetória de uma proposta. In: HORA, D. *Estudos lingüísticos: perfil de uma comunidade*. João Pessoa: Palotti, 2004. p. 13-28.

ISQUERDO, A. N. Nomes do beija-flor e do João-de-Barro nas capitais do Brasil: o linguístico e o cultural no processo denominativo. In: AGUILERA, V. A.; DOIRON, M. P. B. (Org.). *Estudos geossociolingüísticos brasileiros e europeus: uma homenagem a Michel Contini*. Cascavel, PR: EDUNIOESTE; Londrina: EDUEL, 2016. p. 173-188.

KARDEC, A. *O que é o Espiritismo*. 56. ed. Brasília: FEB, 2014 [1884].

KARDEC, A. *O livro dos espíritos*. 93. ed. Brasília: FEB, 2017 [1884].

MAGALHÃES, A. C. M. et al. (Org.). *O demoníaco na literatura*. Campina Grande: EDUEPB, 2012. Disponível em: <https://bit.ly/3cl3eqWdemlit>. Acesso em: 16 ago. 2017.

MORENO FERNÁNDEZ, F. La variación sociolingüística. Las variables sociales. In: MORENO FERNÁNDEZ, F. *Principios de Sociolingüística y Sociología del Lenguaje*. Barcelona: Ariel, 1998. p. 33-70.

PAIVA, M. C. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.). *Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 33-42.

SANTOS, M. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4. ed. São Paulo: Editora da USP, 2006.

SILVA-CORVALÁN, C. *Sociolingüística: teoría y análisis*. Madrid: Alhambra, 1989.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo: Ática, 2005.